

DA AUTORA BESTSELLER DE
A RAPARIGA NO COMBOIO
23 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

UM FOGO LENTO

PAULA
HAWKINS



OLHA SÓ O QUE FIZESTE



Ensopada em sangue, a rapariga cambaleia pela escuridão adentro. A sua roupa está num desalinho, pendendo-lhe do corpo jovem, revelando zonas de pele pálida. Falta-lhe um sapato, o pé sangra-lhe. Está em agonia, mas a dor tornou-se inconsequente, eclipsada pelos seus outros sofrimentos.

O seu rosto é uma máscara de horror, o coração ribomba como um tambor, a respiração parece o ofegar afetado de uma raposa escondida na toca.

O silêncio da noite é interrompido por um zunido abafado. Um avião? Limpando o sangue dos olhos, a rapariga ergue o olhar para o céu, vendo somente estrelas.

O zunido soa mais alto, mais surdo. Um carro a trocar de mudança? Terá ela alcançado a estrada principal? O seu coração ganha ânimo e, algures no seu íntimo, ela encontra forças para correr.

Sente a luz atrás de si. Sente a sua silhueta iluminada na escuridão e sabe que o carro vem de um ponto algures atrás de si. Vem da quinta. Vira-se.

Ela sabe, mesmo sem ver, que ele a encontrou. Sabe, mesmo sem ver, que será o rosto dele que estará ao volante. Fica paralisada. Hesita, por instantes, e depois sai da estrada, desata a correr e atira-se para uma vala, passando por cima de uma vedação de madeira.

Corre pelo terreno adjacente, às cegas, caindo, tornando a levantar-se, sem emitir um único som. De que lhe serviria gritar?

Quando ele a alcança, agarra-a pelos cabelos e puxa-a para o chão. Ela sente o odor do hálito dele. Sabe o que ele irá fazer-lhe. Sabe o que aí vem porque já o viu a fazê-lo — viu-o a fazê-lo à sua amiga, viu a forma animalesca com que ele...

— Oh, francamente — murmurou Irene, fechando o livro com força e atirando-o para a pilha destinada à loja de caridade. — Que lixo autêntico!

1

Na sua cabeça, Laura ouviu Deidre a dizer-lhe: «O teu problema, Laura, é fazeres péssimas escolhas.»

Podes crer, Deidre. Não era propriamente algo que Laura esperasse dizer ou sequer pensar, mas, ali parada na casa de banho, a tremer incontrolavelmente, o sangue, quente e insistente, a brotar-lhe em golfadas do corte no braço, tinha de admitir que a Deidre imaginária acertara em cheio. Inclinou-se para a frente, com a testa encostada ao espelho para não ter de se olhar nos olhos. Porém, olhar para baixo era ainda pior, pois, nessa posição, via o sangue a jorrar de dentro de si, provocando-lhe tonturas, dando-lhe vontade de vomitar. Tanto sangue. O corte era mais profundo do que julgara; devia ir às urgências. Mas nem pensar que o faria.

Péssimas escolhas.

Quando, por fim, as golfadas de sangue pareceram abrandar, despiu a t-shirt e largou-a no chão, tirou as calças de ganga, as cuecas, desenvencilhou-se do soutien, arquejando com os dentes cerrados quando o arame raspou no corte, proferindo:

— Foda-se! Foda-se, e mais foda-se!

Largou o soutien também no chão, entrou na banheira e abriu o chuveiro, deixando-se ficar, ainda a tremer, sob o gotejar miserável da água a ferver (o seu duche oferecia-lhe as

opções de muito quente ou muito frio; não havia um meio-termo). Com as pontas dos dedos encarquilhadas, acariciou as cicatrizes, belas e brancas: anca, coxa, ombro, nuca.

— Aqui estou eu — murmurou em surdina para si própria.
— Aqui estou eu.

Mais tarde, com o antebraço enrolado às três pancadas em papel higiénico e o resto do corpo envolto numa toalha gasta, sentada no horroroso sofá de couro sintético cinzento na sala de estar, Laura telefonou à mãe. A chamada foi diretamente para o voicemail e ela desligou. Não valia a pena gastar dinheiro. Em seguida, telefonou ao pai.

— Está tudo bem, filhota? — Ouviam-se ruídos de fundo, a rádio, o programa 5 Live.

— Pai... — Ela sentiu um nó a formar-se-lhe na garganta e engoliu-o.

— Conta coisas.

— Podes vir cá a casa, pai? Eu... eu tive uma noite complicada e queria que viesses aqui um bocadinho. Sei que ainda é uma viagem longa de carro, mas eu...

— Não, Philip — soou a voz de Deidre, algures do outro lado da linha, sibilada por entre dentes. — Temos bridge.

— Pai? Podes tirar-me de alta-voz?

— Oh, querida, eu...

— A sério, podes tirar-me de alta-voz? Não quero ouvir a voz dela. Dá-me vontade de pegar fogo a tudo...

— Então, Laura...

— Esquece, pai, já não é preciso nada.

— Tens a certeza?

Não, não tenho. Não tenho, não. Não tenho certeza nenhuma.

— Sim, claro. Eu estou bem. Eu fico bem.

A caminho do quarto, pisou o casaco, que largara no chão do corredor com a pressa de chegar à casa de banho. Baixou-se para o apanhar. A manga estava rasgada e o relógio de Daniel ainda se encontrava no bolso. Tirou-o, virou-o e colocou-o no

pulso. O papel higiénico que lhe envolvia o antebraço começou a ficar escarlate, o membro a pulsar delicadamente, com o sangue a jorrar da ferida. Sentia a cabeça a andar à roda. Na casa de banho, largou o relógio no lavatório, arrancou o papel higiénico e deixou cair a toalha ao chão. Voltou a entrar no duche.

Servindo-se de uma tesoura para limpar a sujidade sob as unhas, ficou a observar a água que corria rosada aos seus pés. Fechou os olhos. Ouviu a voz de Daniel a perguntar-lhe: «Qual é o teu problema?» E a voz de Deidre a dizer: «Não, Philip, temos bridge.» E depois a sua própria voz: «Pegar fogo a tudo. Pegar fogo. Pegar fogo pegar fogo pegar fogo.»

«Depois do labirinto emocional e de suspense de *A Rapariga no Comboio*, *Um Fogo Lento* vai mais longe sem sair do centro de Londres, o cenário perfeito para um conjunto de personagens que a memória do leitor vai guardar, por muitos policiais que leia.»

João Céu e Silva, *Diário de Notícias*

Um homem é encontrado brutalmente assassinado em Londres, dentro de um barco, o que levanta uma série de questões sobre três mulheres que o conheciam.

Laura é a jovem problemática que foi vista pela última vez com a vítima. Carla é a tia inconsolável, ainda de luto por outro familiar falecido pouco tempo antes. E Miriam é a vizinha bisbilhoteira que encontrou o corpo coberto de sangue, mas que claramente esconde segredos da polícia.

Três mulheres com ligações distintas a este homem. Três mulheres consumidas pelo ressentimento que estão ansiosas por se vingarem do mal que lhes foi infligido. E, quando toca a vingança, mesmo as melhores pessoas são capazes dos atos mais terríveis.

Até onde irão estas mulheres para encontrar a paz de espírito? E durante quanto tempo podem os seus segredos arder em fogo lento antes de irromperem em chamas descontroladas?

Com a mesma força com que cativou dezenas de milhões de leitores em *A Rapariga no Comboio* e *Escrito na Água*, Paula Hawkins desenvolve brilhantemente uma história inesquecível de segredos, assassinio e vingança.

**LEIA
TAMBÉM:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-491-9



9 789895 644919

Thriller